



# O estatuto conjuntivo de ‘nisso’: evidências formais e funcionais

Jean Michel Pimentel Rocha e Sanderléia Roberta Longhin\*

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rua Cristóvão Colombo, 226, 15054-000, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: sanderleia.longhin@unesp.br

**RESUMO.** O objetivo deste trabalho é argumentar em favor do estatuto conjuntivo de ‘nisso’ em construções temporais, causais e contrastivas. Para tanto, tomamos dados contemporâneos de ‘nisso’ oriundos de enunciação falada, extraídos do Banco de Dados Iboruna, e os analisamos à luz de aspectos formais e funcionais, com o propósito final de evidenciar as propriedades que permitem qualificar ‘nisso’ como conjutor. Filiando-nos a um quadro teórico que compreende a junção como dimensão universal da linguagem (Raible, 2001), em que convergem informações dos vários níveis de análise linguística, defenderemos que o modo de junção instaurado por ‘nisso’ se concretiza por meio da ‘referência’, com forte dependência contextual, o que é característico de juntores do paradigma adverbial (Neves, 2002; Blühdorn, 2008). Nessa perspectiva, assumindo ambas as vias metodológicas qualitativa e quantitativa, estarão em pauta questões relativas à própria composicionalidade de ‘nisso’ e questões relativas à construção complexa binária de que ‘nisso’ participa – ‘X, nisso Y’ – com a consideração de fatores inerentes ao modo de conexão, à referência encapsuladora de ‘nisso’, à ordenação e ao estatuto informacional das unidades articuladas, bem como à rede polissêmica envolvida.

**Palavras-chave:** junção; referência; encapsulamento; polissemia.

## The conjunctive status of *nisso*: formal and functional evidences

**ABSTRACT.** The aim of this paper is to argue in favor of the conjunction status of *nisso* on temporal, causal and contrastive constructions. For this purpose, we collected contemporary data on *nisso* in spoken texts taken from Iboruna database and we intend to analyze them in the light of formal and functional aspects, aiming to highlight the properties that qualifies *nisso* as a conjunction. Based on a theoretical framework that acknowledges junction as a universal dimension of language (Raible, 2001) in different levels of linguistic analysis, we will defend that the technique of junction established by *nisso* is achieved through ‘reference’, with a strong contextual dependence, which characterizes the paradigm of adverbial junction (Neves, 2002; Blühdorn, 2008). In this perspective, from a qualitative and quantitative approach, aspects regarding the compositionality of *nisso* and the complexity of the binary construction that it is part – *X, nisso Y* – will be discussed, also considering inherent features related to the mode of connection, to the referencing encapsulation functionality of *nisso*, to the position and to the information status of the units, as well as to the polysemous network encompassed in the construction examined.

**Keywords:** junction; reference; encapsulation; polysemy.

Received on November 8, 2019.

Accepted on March 23, 2020.

## Introdução

Neste trabalho, abordamos um tipo particular de construção com ‘nisso’ que atua como mecanismo de junção. O cotejo entre as ocorrências em (1) e (2)<sup>1</sup>, a seguir, é suficiente para o reconhecimento de diferentes padrões de uso de ‘nisso’. Em (1), ‘nisso’ preenche uma lacuna argumental do verbo e retoma parte do conteúdo prévio (i.e., ‘negócio de droga’); em (2), diferentemente, ‘nisso’ ocupa a fronteira entre dois enunciados, posição tipicamente reservada a juntores<sup>2</sup>, e preserva a função de retomada anafórica. Para nós, interessa investigar o padrão funcional (2), em que a expressão adverbial ‘nisso’ opera no âmbito da junção.

<sup>1</sup> Para apresentação dos exemplos, adotamos a seguinte convenção: AC é abreviação de Amostra Censo, um tipo de inquérito do Banco de Dados Iboruna; o número a seguir se refere ao número do inquérito no Banco; e a sigla final se refere ao tipo textual: NE (narrativa de experiência), NR (narrativa recontada), D (descrição), RO (relato de opinião) e RP (relato de procedimento). Utilizamos negrito para destacar o fenômeno em discussão.

<sup>2</sup> Como em trabalhos anteriores, utilizamos o termo ‘juntor’ para cobrir inúmeros recursos de ligação que podem ser estabelecidos entre sintagmas, entre orações ou até mesmo entre unidades de dimensões maiores, do que resulta a expressão de determinadas relações de significado. Tais recursos compreendem conjunções, preposições, perifrases conjuncionais e preposicionais e expressões adverbiais.

(1) [...] esse negócio de droga né? [...] eu acho que as crianças tão muito assim [...] éh:: desorientadas éh éh só pensam **nisso** malemá estão ficando mocinhos já [...] já tão atrás disso [...] (AC-038; RO)

(2) [...] esses dois começou a fazer rally com esse carro e vai pra cá e vai pra lá [...] e pegaram e entraram no meio d'um pasto assim que tem aquela curva de nível [...] e como o carro era rebaixado [...] quem disse que o carro saía de lá **NI::sso** eles estouraRAM a cerca ralou tudo o carro virou um regaço [...] quebraram a cerca do sítio do homem [...] (AC-079; NR).

O potencial de coesão textual e a semântica imprecisa dos demonstrativos neutros 'isso, isto e aquilo' são bastante evidentes e conhecidos. Castilho (2015, p. 136) afirma que "[...] operam como fóricos de largo espectro, tomando como escopo toda uma sentença ou toda uma unidade discursiva". Também é conhecida a presença de preposições na constituição histórica de advérbios e expressões adverbiais. Nas línguas românicas, do encontro entre preposições e nomes ('em virtude de, em oposição a, por causa de, em caso de'), preposições e preposições ('embaixo de, em cima de') e preposições e advérbios ('antes de, depois de, longe de'), resultaram inúmeras expressões adverbiais (Ali, 1931; Câmara Jr, 1979), algumas delas conjuncionais, como é o caso de 'nisso', conforme defendemos aqui, e de outras formações de base em 'isso', como 'além disso' e 'por isso', que são todas construções morfológicamente transparentes. Sobre o uso de advérbios juntivos, Neves (2000, 2018) destaca o uso anafórico e temporal de 'nisso', parafraseável por 'nesse momento a que se acaba de aludir', conforme (3), ocorrência tomada da obra da autora:

(3) Desde então, não consigo parar de pensar em mim – continuou Silas. – Dormindo ou acordado, só vejo o meu rosto na frente. Penso nos meus gestos, nas pequenas coisas [...] Nesta cicatrizinha que tenho aqui [...]. **NISSO** chegou a Vanda vai Lá (AVL) (Neves, 2000, p. 496, grifo da autora).

As gramáticas históricas revelam que o emprego de 'nisso/nisto' que nos interessa, a exemplo de (2) e (3), não é novo. Ali (1931, p. 105), por exemplo, mostra que 'nisto', na acepção de 'então e em tal momento', é recorrente em narrativas e tem por função interromper o fluxo das ideias e alertar para o surgimento de algo novo. Segundo o autor, trata-se de uma construção já encontrada em estados pretéritos do português, o que ele comprova por meio de trechos de *Os Lusíadas*, de Camões, dos quais reproduzimos um em (4):

(4) Isto dizendo, o Mouro se tornou A seus batéis com toda a companhia; Do Capitão e gente se apartou Com mostras de devida cortesia. **Nisto** Febo nas águas encerrou [...] (Ali, 1931, p. 105, grifo nosso).

Motivados pelos achados em Ali, empreendemos uma pesquisa piloto por ocorrências de *nisso* no Corpus do Português<sup>3</sup> ('genre/historical') (Davies & Ferreira, 2006) e obtivemos um total de 1704 dados extraídos de textos diversos, produzidos ao longo dos séculos XIX e XX. Nesse conjunto de dados, apareceram alguns usos temporais de 'nisso', em textos de autores clássicos da literatura brasileira, conforme (5) e (6) a seguir:

(5) Voltando só com ele da Rua Primeiro de Março, fomos tomar refresco no Cascata. Aí ele me disse: - Barreto, sou dos teus amigos o único que quer ficar obscuro. Contento-me em estudar a condução da merda dos niteroienses, e isso porque eles me pagam. etc. etc. **Nisso**, o Filomeno nos interrompe [...] (Lima Barreto, 1953).

(6) Alcançou a promessa do abate e voltou a casa. Em caminho, pensou no que perdia mudando de título, - uma casa tão conhecida, desde anos e anos! Diabos levassem a revolução! Que nome lhe poria agora? **Nisso** lembrou-lhe o vizinho Aires e correu a ouvi-lo (Machado de Assis, 1904, grifo nosso)

A afirmação de Ali (1931) de que 'nisso', de certo modo, chama a atenção para algo novo, corrobora uma reflexão acerca da função gramático-textual do item. Para nós, 'nisso' não é só um item que estabelece em meio à retomada anafórica uma relação temporal entre as unidades que articula; mas, vai além, e liga partes textuais em um duplo movimento - a ser explicitado - de retomada do já dito e de inserção de informação nova e sequenciamento textual, como ilustrado em (7), em que 'nisso' estabelece um elo entre a audição da voz e o evento subsequente de transformação do príncipe. Acrescente-se ainda que, nos dados da pesquisa piloto, outras relações de significado parecem concorrer com a temporal, como, por exemplo, (8), em que a sequencialidade no tempo, aliada às expectativas e modelos de mundo, legitima uma leitura de causalidade, em que o desequilíbrio e queda são equacionados como efeito do tabefe. As ocorrências (7) e (8) são ambas do Corpus do Português (Davies & Ferreira, 2006):

(7) O pobre homem não sabia como acariciar a fera que o tinha salvo, quando ouviu uma voz que disse: - Não há uma boa ação sem recompensa. **Nisso**, o príncipe foi de súbito transformado num lindo cão (Davies & Ferreira, 2006, grifo nosso).

<sup>3</sup> O Corpus do Português pode ser acessado em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>

(8) Sua negra imunda - agrediu Evangelina. E além disso, meteu o tabefe no rosto da outra com toda força que conseguiu reunir. **Nisso** a preta se desequilibra e cai rolando pela pequena escada de pedra que servia de descida até o laguinho forma-do pela queda d' água (Davies & Ferreira, 2006, grifo nosso).

Diante desse cenário, propomos descrever e analisar, em viés sincrônico, as construções complexas com 'nisso' à luz do objetivo maior de reunir argumentos em favor do estatuto juntivo desse elemento. Para tanto, diante dos indícios fornecidos pela pesquisa piloto, optamos por investigar as construções em textos de gêneros mais informais, de enunciação falada, especificamente nas amostras Censo e Interação que compõem o Banco de Dados Iboruna (cf. Seção 2). Com o respaldo de um quadro teórico-metodológico que supera o esquema bipartido tradicional em termos de coordenação e de subordinação e que agrega à abordagem da junção correlatos sintáticos, semânticos e pragmáticos (Raible, 2001; Blühdorn, 2008), para condução das análises, conjugaremos aspectos formais e funcionais inerentes ao próprio juntor 'nisso' e à construção complexa de que ele participa.

Organizamos o texto em três seções, além da Introdução e das Considerações Finais. Na primeira, de natureza teórica, discorreremos sobre a concepção multidimensional de junção que perpassa o trabalho. Na segunda seção, descrevemos o material de investigação e justificamos os parâmetros selecionados para a descrição. Na terceira, apresentamos uma análise dos dados em perspectiva multidimensional. Nas Considerações Finais, sistematizamos e interpretamos os resultados.

### A multidimensionalidade da junção

A noção de junção que subjaz a este trabalho assenta-se basicamente em Raible (2001), que a concebe como uma atividade básica e universal da comunicação humana, construída nos níveis sintagmático, oracional e textual, a partir de uma correlação estreita entre cinco dimensões: arquitetura sintática, relações semânticas, *grounding*, manutenção da referência e gênero textual.

Na dimensão da 'sintaxe', estão os vários modos de composição, que se distribuem por um contínuo tipológico em cujos polos figuram a 'agregação' e a 'integração', respectivamente, modos não hierárquico e hierárquico. Em cada uma das opções de composição do contínuo sintático podem ser veiculadas quaisquer 'relações semânticas' (p.e. tempo, causa, condição, contraste, modo, etc.), não havendo, portanto, uma associação biunívoca, tal como sustentam abordagens tradicionais, entre relações de significado e arquiteturas sintáticas<sup>4</sup>. A dimensão de *grounding*, sobreposta à sintática, refere-se à seleção e à distribuição de informações que comportam níveis variáveis de dinamismo ou saliência comunicativa. Por sua vez, a dimensão da 'referência' abriga os elos correferenciais, que dependem essencialmente do co-texto, das expectativas e conhecimento de mundo dos usuários. E a dimensão do 'gênero textual', mais ampla, refere-se ao pressuposto de que escolhas no domínio da junção são motivadas por características inerentes aos gêneros enquanto modos tradicionais de dizer e de escrever.

Aproximando-nos da concepção de Raible (2001), em que a junção compreende um 'elo multidimensional', para a descrição das instâncias de 'nisso', privilegiamos a convergência entre as cinco dimensões. No entanto, dada a natureza pronominal de 'nisso', assumimos a 'referência' como dimensão central a partir da qual as demais são norteadas.

Na literatura linguística, a 'junção por referência' é abordada em diferentes perspectivas teóricas. Blühdorn (2008), na interface sintaxe e discurso, descreve a junção por 'referência', distinguindo-a das junções por 'regência' e por 'sequenciamento linear'. Enquanto a junção por regência caracteriza um tipo assimétrico de relação na qual jutores subordinativos influenciam o formato morfossintático das unidades que introduzem, a junção por sequência linear envolve jutores coordenativos que, em uma relação estrutural e pragmaticamente simétrica, são restritos à posição intermediária, na fronteira entre as unidades coordenadas, com afinidade maior com a unidade à direita. A junção por referência, por outro lado, envolve jutores adverbiais, elementos que funcionam como constituintes sintáticos de uma das unidades envolvidas na construção. Dado o caráter adverbial, jutores de natureza adverbial apresentam flexibilidade posicional e a junção se pauta essencialmente da representação semântica do juntor, que contém uma lacuna cujo preenchimento depende da consideração de informações contextuais. A **Tabela 1** resume e correlaciona, nos termos de Blühdorn (2008), os tipos de ligação e os tipos de conectivos:

<sup>4</sup> Por exemplo, do ponto de vista gramatical, as relações de alternância, adversidade e explicação são concretizadas tipicamente na coordenação, ao passo que tempo, condição e concessão, são concretizadas na subordinação.

**Tabela 1.** Tipos de ligação e tipos de conectivos.

	Subordinação	Coordenação	Advérbios juntivos
Junção por regência	+		±
Junção por sequência linear		+	±
Junção por referência			+

Fonte: Blühorn (2008, p. 67).

Na **Tabela 1**, a sinalização ‘±’ indica que os juntores adverbiais partilham com os subordinadores uma relação de regência, contudo, diferentemente desses, encapsulam a relação na morfologia, como mostraremos para ‘nisso’ (cf. Seção 3). De outro lado, os juntores adverbiais partilham com os coordenadores a afinidade posicional com o segmento à direita da construção. A diferença é que, nos coordenadores, essa afinidade equivale a uma regra sintática, enquanto nos juntores adverbiais, é uma preferência pragmática.

Em português, Neves (2000, 2002) descreve os advérbios com função juntiva, atuantes nos níveis micro e macroestrutural, salientando a foricidade. Segundo Neves (2002), o uso do advérbio conjuntivo ‘entretanto’, em lugar do coordenador ‘mas’, por exemplo, representa uma “[...] opção por uma amarração do segundo bloco ao primeiro por meio de uma retomada referencial anafórica, o que o coordenador *mas*, que é basicamente um sequenciador, não proveria” (Neves, 2002, p. 126, grifo da autora). Ilari et al. (2002), por seu turno, refere-se aos advérbios de constituinte, de sentença e de discurso, dando especial ênfase às finalidades dêitico-anafóricas. Enfatiza sobretudo as funções discursivas, em termos de tematização, topicalização e argumentatividade, colocando-as como objeto de descrição mais propriamente de uma linguística do texto. Para o autor, a apreensão do funcionamento e da organização dos advérbios, nos níveis oracional e textual, dependem de uma ‘gramática da conexidade’ e de uma ‘gramática da coesão’.

Nos estudos do texto, Conte (2003) descreve a estratégia de ‘encapsulamento anafórico’, de base pronominal ou nominal, em geral vinculada a demonstrativos, que engloba e condensa informação textual precedente, ao mesmo tempo em que possibilita a ressignificação de um referente de discurso. Relacionado a essa estratégia está o conceito de ‘nominalização’, de Koch (2009):

[...] resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subsequentes, ou seja, sobre processos e seus actantes, os quais passam a ser representados como objetos acontecimento na memória discursiva dos interlocutores. Isto é, introduz-se um referente novo, encapsulando informação difusa no co-texto precedente ou subsequente [...], de forma a operar, simultaneamente, uma mudança de nível e uma condensação (sumarização) da informação. Do ponto de vista da dinâmica discursiva, apresenta-se, *pressupondo* sua existência, um processo que foi (ou será) predicativamente significado, que acaba de ser (ou vai ser) *posto* (Koch, 2009, p. 66, grifo da autora).

Em diálogo com Schwarz (2000), Koch (2009) entende que as nominalizações, ao encapsularem, sumarizam e rotulam informações, comportando-se como anáforas complexas, as quais recuperam referentes textuais abstratos (estado, fato, evento, atividade etc.) e concorrem para a constituição de objetos de discurso. A autora ressalta funções das nominalizações, em nível microestrutural, a partir de recursos coesivos anafóricos e catafóricos, e, em nível macroestrutural, nos movimentos de construção textual e de manutenção da continuidade tópica, quais sejam, a ‘retroação’ e a ‘progressão’, por meio das quais o velho e o novo coexistem, distribuem-se de modo peculiar, e sustentam o desenvolvimento do texto.

Os movimentos de ‘retroação’ e ‘progressão’ foram explorados em Tavares (2003), no estudo de processos de gramaticalização experimentados pelos conectores ‘aí’, ‘daí’, ‘então’, ‘e’. Para a autora, tais conectores funcionam como ‘sequenciadores retroativo-propulsores’, o que equivale a dizer que retomam porções de informação velhas ou conhecidas e, ao mesmo tempo, sinalizam a introdução de informações novas. Mais especificamente, um retroativo-propulsor:

[...] estabelece uma relação coesiva de seqüenciação entre enunciados, de modo que o primeiro serve de base para o que será dito no segundo. A seqüenciação realiza um movimento duplo: anafórico e catafórico (٢٠٠٠), pois, ao mesmo tempo em que se volta para o enunciado passado como uma fonte de informações para o discurso subsequente, direciona a atenção para um enunciado que está por vir, o qual tem por escopo. É o que se tenta apreender com a denominação *seqüenciação retroativo-propulsora*: os movimentos simultâneos de *retroagir* – guiando a atenção para trás – e de *propulsionar* – guiando a atenção para a frente. Em resumo, a seqüenciação gera a expectativa de que algo novo será dito ou escrito, em continuidade e consonância com o já dado - indica que o que vem depois no discurso tem a ver com o que vem antes (Tavares, 2003, p. 19, grifo da autora).

De nossa perspectiva, 'nisso' se assemelha de um juntor retroativo-propulsor, ainda que manifeste outras particularidades. Como defenderemos adiante, a função retroativo-propulsora latente às ocorrências de 'nisso' é marcada, pragmaticamente, por uma espécie de ênfase ou dramaticidade que antecede a novidade, o que explicaremos como efeito da dimensão relativa ao dinamismo comunicativo (cf. Seção 3).

### Material de investigação e escolhas metodológicas

Os dados desta investigação foram extraídos de amostras do português falado na região noroeste do Estado de São Paulo. Trata-se das amostras Censo e Interação, que compõem o IBORUNA (Gonçalves, 2019), um banco de dados concebido à luz de princípios da sociolinguística variacionista. O banco reúne textos de enunciação oral que se aproximam de cinco tipologias: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição, relato de opinião e relato de procedimento. O mapeamento das ocorrências nos inquéritos do Iboruna resultou em 134 dados da expressão adverbial 'nisso'. Desse total, excluímos 51 ocorrências em que 'nisso' ocupou lacuna argumental, de modo que consideramos para a análise um total de 83 ocorrências<sup>5</sup>. Verificamos a prevalência de dados de 'nisso' em sequências narrativas, o que confirmou expectativas, considerando que as construções com 'nisso' expressam frequentemente relações temporais e que 'narratividade' e 'temporalidade' estão fortemente relacionadas nos tantos gêneros textuais, fato que corrobora a quinta dimensão de Raible (2001) acerca da junção.

A descrição e análise dos dados conjugará as abordagens qualitativa e quantitativa, com ênfase na qualitativa, em que lançaremos mão de parâmetros para defender o estatuto juntivo de 'nisso' e para caracterizar sua tipologia. A frequência será tomada para respaldar o elenco de características prototípicas e de possíveis tendências observadas. À maneira de Raible (2001), como já mencionado, assumimos a convergência entre as cinco dimensões da junção, com precedência da dimensão 'referência'. E, enquanto estratégia metodológica, procedemos a um arranjo específico das dimensões, de modo a obter três grandes parâmetros de descrição, conforme nomeamos e descrevemos a seguir:

1) Tipo de conexão. Considerando a hipótese de que 'nisso' conforma-se a um juntor adverbial que estabelece uma conexão via referência, investimos em caracterizar o 'modo' de conexão por referência instaurado pelo item. Para isso, aliamos fatos da natureza do juntor, especificamente seu potencial anafórico encapsulador, a fatos da construção de que ele participa como, por exemplo, a arquitetura sintática, em termos dos polos de agregação e integração, de Raible (2001).

2) Ordenação e estatuto informacional. Considerando a afirmação de Ali (1931), de que nas construções com 'nisso/nisto' haveria algum tipo de 'alerta para o novo', a qual reinterpretemos, à luz de nossos dados, como uma forma de 'ênfase' ou 'dramatização', inerente às construções, descrevemos o(s) padrão(ões) de ordenação das construções com 'nisso', mais um aspecto da dimensão sintática, correlacionando-o(s) com o exame do estatuto informacional das unidades articuladas, aspecto da dimensão *grounding*. O propósito é lançar mão da correlação entre ordenação e estatuto informacional, para fornecer uma explicação acerca da ênfase ou dramatização. Para apuração do estatuto informacional, adotamos uma versão simplificada da proposta textual de Prince (1981) e classificamos o conteúdo dos enunciados com 'nisso' (orações ou porções maiores) em termos da prevalência de informação 'evocada', 'inferível' ou 'nova', respectivamente, informação mencionada de modo explícito no contexto prévio, informação deduzida a partir de diversos tipos de associação e informação mencionada pela primeira vez no texto.

3) Rede polissêmica. Considerando os índices de polissemia (semântica e pragmática), evidentes nas ocorrências com 'nisso', e considerando a hipótese de que os significados sejam estreitamente dependentes do contexto, nosso propósito é avaliar as relações de significado que emergem da junção com 'nisso', as possíveis sobreposições entre esses significados, e os traços contextuais que sustentam tais relações, quando for o caso.

### Evidências acerca do estatuto juntivo de 'nisso'

Do ponto de vista etimológico, a preposição 'em' e o pronome 'isso' são ambos de origem latina. A preposição 'em' deriva da preposição latina 'in', a qual regia os casos ablativo-locativo e acusativo, e já

<sup>5</sup> Nos dados, verificamos 3 ocorrências perifrásticas com 'nisso que', que mostraram um comportamento sintático-semântico um pouco diverso daquelas com 'nisso'. Como dispomos de poucas ocorrências, o que dificulta qualquer tentativa de generalização, optamos por excluí-las desta análise. Segue um exemplar: "[...] aí eu cheguei [...] pela minha sorte meu cunhado tava no portão [...] aí eu cheguei perto do meu carro e falei --B. aquele moço tá me seguindo-- [...] [Doc.: hum.:] **nisso** que eu parei o moço foi subindo [...]" (AC-066; NE)

integrava locuções adverbiais (*in totum*, port. ‘totalmente’). Segundo Ilari, Castilho, Leitão, Kleppa e Basso (2015; p. 250), em latim, era mais comum a semântica espacial concreta de “[...] localização dentro de [...]” ou “[...] deslocamento em direção a [...]”. Para os autores, resquícios da morfologia dos casos se mantiveram no português arcaico, quando ‘em’ passa a integrar locuções prepositivas (‘em cima de’ / ‘en logo’ (lugar) ‘de’), locuções adverbiais (‘em vão’) e locuções conjuncionais (‘en tal maneira que’ / ‘enquanto’). No português brasileiro contemporâneo, ‘em’ apresenta-se como uma preposição altamente gramaticalizada, com usos em vários domínios semântico-cognitivos, sendo os mais frequentes o domínio de ‘espaço’ (com e sem dinamismo) e o de ‘tempo’ (nos tipos percurso e contêiner). Além disso, em certos contextos, ‘em’ perdeu seu estatuto de palavra gramatical ou dependente (Câmara Jr, 1979) e passou a atuar, de forma produtiva, como prefixo, como em ‘induzir, impor, inscrever e inspirar’ (Ilari et al., 2015).

Quanto à origem de ‘isso’, filólogos e gramáticos (Ali, 1931; Pereira, 1935; Vasconcellos, 1959; Williams, 1961) afirmam que remonta aos pronomes demonstrativos latinos do nominativo neutro. Do latim *iste, ista, istud* originaram em português ‘este’, ‘esta’, ‘esto’ (‘isto’). E do latim *ipse, ipsa, ipsum*, em português ‘esse’, ‘essa’, ‘esso’ (‘isso’). De acordo com Ali (1931), em português, a emergência de ‘isto’, ‘isso’ é anterior ao século XVI, ocorrendo frequentemente em textos de Fernão Lopes, nas formas arcaicas ‘esto’, ‘esso’. Quanto à aglutinação do pronome com a preposição, Williams (1961) afirma que, no português arcaico, a preposição ‘en ~ em’ juntou-se às formas do pronome pessoal de terceira pessoa e às formas dos demonstrativos ‘êste’ e ‘êsse’, as quais passaram por processos fonológicos regulares até o aparecimento do ‘n’ inicial (‘nêlé’, ‘neste’, ‘nesse’ e, provavelmente, ‘nisso’).

A formação de ‘nisso’, a partir da aglutinação de preposição e pronome, com posterior reinterpretação morfossintática e semântica de toda a construção, conforma-se a uma instância de mudança linguística por ‘gramaticalização’ (Heine & Kuteva, 2007). É uma tendência nas línguas a formação de juntores a partir de expressões adverbiais, quer primitivas ou derivadas. E os advérbios mais predispostos a migrar ao domínio dos juntores são aqueles que comportam o traço foricidade, em que uma forma de ligação referencial tende a dar origem a uma ligação sequencial (Mithun, 1988).

Nas subseções seguintes, apresentamos a análise dos dados. Em 3.1, descrevemos o modo de junção subjacente às construções com *nisso*, e, em 3.2, a rede polissêmica envolvida.

### Junção por referência

As construções conjuncionais com ‘nisso’ são binárias, realizam-se na estrutura ‘X’, ‘nisso Y’, em que as variáveis ‘X’ e ‘Y’ podem ser preenchidas por orações simples, por orações complexas ou até mesmo por sequências textuais. As ocorrências em (9) e (10) ilustram algumas possibilidades. Em (9), ‘X’ traz uma sequência textual, enquanto ‘Y’, uma oração simples. Diferentemente, em (10), é a unidade encabeçada por ‘nisso’, ‘Y’, que introduz uma série de eventos. Nos dois casos, a articulação entre duas unidades de dimensões variáveis e o estabelecimento entre elas de uma relação semântica do tipo ‘tempo sequencial’ permite qualificar as construções com ‘nisso’ no campo da junção.

(9) [...] cheguei no médico ele tava com sintoma de [...] meningite [...] e o doutor (inint.) e nós levamos diREto pro Austa [...] ele ia sair da clínica e correr pro Austa porque meu filho (passa lá) de/ desde nenê [...] o meu mais velho (a gente ficou) em pânico assim não vamos pro Austa [...] já vou ligar pro neurologista [...] eu já vou com você já eu tô lá [...] **nisso** ele saiu da sala [...] (AC-106; NE).

(10) [...] Aí me/ minha tia [...] recebeu a notícia [...] e e ela num sabia como me explicar[...] ela foi falar pro filho dela que tava em/ na casa dela o F. [...] ela falou – ‘F. a.: mãe da S. e o pai da S. sofreram um acidente’ – **NISSO** eu ouvi [...] e fiquei desesperADA parei de comer na HORA empurrei o prato e falei falei – ‘tia que que FO::I?’ – ‘meu pai e minha mãe caíram da moto?’ (AC-008; NR).

Contudo, para apreensão do tipo específico de junção, é preciso avaliar o funcionamento de ‘nisso’. Enquanto juntor, vinculado ao segundo membro da construção, ‘nisso’ acrescenta a Y uma porção de informação complexa ‘dada’ ou conhecida’, devidamente encapsulada, que pode ser recuperada na porção textual imediatamente anterior. Nesses termos, ‘nisso’ é um representante de ‘X’ dentro de ‘Y’, de maneira que a articulação entre ‘X’ e ‘Y’ se apresenta como um modo de composição do polo ‘agregativo’, em que as unidades envolvidas estão combinadas, não integradas, e dessa combinação resulta a expressão de significados vários (cf. Seção 3.2). Em razão da semântica genérica e inespecífica do componente pronominal ‘isso’, a porção encapsulada por ‘nisso’ é sempre uma formação conceitual temporária, dependente dos contextos situacional e linguístico em que é usado.

Em (10), por exemplo, a manobra argumentativa de junção realizada por 'nisso' para expressão de significado consiste em: i) um movimento de 'retroação', que recupera e encapsula o conteúdo prévio, a saber, 'a tia recebeu a notícia do acidente e contou ao filho'; ii) um ato de 'sinalização', produto do próprio encapsulamento, que equivale a uma mensagem implícita do tipo 'atenção ao que vou dizer agora, pois é algo decisivo para meus propósitos comunicativos'; e, finalmente, iii) um movimento de 'projeção', com o acréscimo de uma porção de informação, apresentada em sequência temporal 'ouvi, fiquei desesperada, parei de comer, empurrei o prato, falei', em que os eventos que vêm antes, na ordem do mundo e na ordem do texto, podem ser interpretados como causa ou motivação daqueles que vêm depois, consequência ou efeito, indiciando polissemia.

A construção 'X, nisso Y' tem ordem invariável (\*nisso Y, X), o que é plausível e necessário, tendo em conta a concretização da manobra argumentativa descrita anteriormente. A invariabilidade da ordem é uma característica que aproxima a construção com *nisso* do modo de junção por sequência linear (Blühdorn, 2008), típico da coordenação, também eixo da agregação. Quanto à posição de 'nisso' dentro dessa estrutura, ela é relativamente regular, no início de 'Y', com exceção de casos não raros em que 'nisso' admite contiguidade com outros jutores, tais como 'e, mas, porque, aí, daí, depois e então', conforme dados de (11) a (13). O fato de 'nisso' ocupar primeira ou segunda posição na oração é mais um traço de seu caráter adverbial, que lhe garante mobilidade, tendo em vista que jutores não adverbiais ocupam invariavelmente a primeira posição (Neves, 2000). No conjunto de jutores contíguos a *nisso*, há aqueles com estatuto conjuncional bem definido, como 'e, mas, porque', e outros que estão em vias de gramaticalização, como 'aí, daí' (Tavares, 2003). No segundo caso, o caráter flutuante dos itens é evidenciado também pela alternância com 'nisso', por exemplo, em sequências como 'daí + nisso e nisso + daí', conforme (14) e (15).

(11) GRA: ças a DE::us a minha mãe conseguiu se livrar dele [...] depois que ele foi embora [...] sumiu no mundo que até hoje eu não vejo ele [...] depois que ele foi embora a nossa vida graças a Deus mudou [...] com Ele passava fome c'a minha mãe SOZInha com sete filho num deixava a gente passar fome [...] trabalhou batalhou [...] é uma vencedora... eu gosto muito de falar isso e **nisso** cresci graças a Deus com saúde né?[...] (AC-062; NE).

(12) [...] eu acho que conforme ele foi bater nela ele bateu assim na parede ou na mesa num me recordo como que a minha mãe falou que foi na parede ou na mesa aí a faca escorregou [...] e...cortou a mão dele deu acho que DEZ ponto [...] **nisso/ mas nisso** ele ficou ainda lá pra lá e pra cá batendo nela porque minha mãe num tem força ele é grandão [...] (AC-062; NR0).

(13) [...] só que nessa semana passada aconteceu um fato com ele [...] ele tava devendo cinquenta reais de droga [...] pros menino lá embaixo que:: vende [...] aí que que aconteceu?[...] ele num tinha o dinheiro pra pagar [...] aí que aconteceu? os menino foi na casa dele e falou que ia quebrar a casa dele [...] que ia arrancar os objetos de valor da casa dele se ele num pagasse o dinheiro que ele tava devendo [...] **aí nisso** a mãe dele se dobrou em duas e pagou, entendeu?[...] (AC-039; NR0).

(14) [...] e aí um guardinha viu a perseguição de moto [...] entrou na frente num sei se alguém acionou né?[...] entrou na nossa frente entrou na minha frente ma/ aí começou dar ((inint)) do carro [...] **nisso daí** os cara distanciou de mim [...] aí nós perdemos eles lá no São Judas [...] (AC-107; NE).

(15) [...] ele nem chegou conversando já chegou batendo nele espancando **daí nisso** já juntou os colega dele também [...] e bateram nele fizeram ele colocar os fio de novo no mesmo lugar [...] (AC-031; NR).

O padrão de ordenação das construções com 'nisso' e mesmo a lacuna ocupada pelo juntor se justificam, em grande parte, pela estratégia argumentativa instaurada pelo juntor, que inclui encapsulamento anafórico, sinalização e projeção. Nesse ponto, a questão da sinalização precisa de mais refinamento. A função de sinalizador que atribuímos a 'nisso' compreende um gesto linguístico pelo qual o falante ou escrevente chama a atenção de seu interlocutor para uma dada informação, nesse caso, a informação que segue 'nisso'. Em outras palavras, para nós, 'nisso' atua como um artifício de focalização, que confere ênfase, suspense ou expectativa diante do que vai ser dito, possivelmente levando o interlocutor a questionar: 'nisso, o quê?' Essa é uma questão inerente à dimensão *grounding* (Raible, 2001).

Assumindo que há um pareamento frequente entre focalidade e informação nova (Halliday, 1985), e buscando respaldo ao argumento em termos de ênfase, investigamos o estatuto informacional da unidade 'Y', introduzida por 'nisso'. Como explicitado na seção de metodologia, adotamos uma versão simplificada (sem as ramificações) do modelo de Prince (1981), que prevê as categorias 'evocado', 'inferível' e 'novo',

aferidas a partir do critério menção textual. Diferentemente de Prince (1981), que examina e classifica o estatuto informacional de referentes textuais, estamos lidando com unidades que equivalem a uma oração ou a um complexo oracional de dimensões variáveis. Desse modo, para operacionalizar esse parâmetro, avaliamos para as unidades em questão a ‘prevalência’ de informação ‘evocada’ (já mencionada), ‘inferível’ (não mencionada explicitamente, mas calculada a partir de pistas contextuais) ou ‘nova’ (não mencionada).

O resultado aponta que, em 100% das construções analisadas, ‘nisso’, ao juntar por referência, encapsulando informação dada e abrindo caminho para a nova, é a unidade que contém a informação ‘evocada’, conforme o excerto (16), em que ‘nisso’ encapsula o conteúdo anterior, ou seja, o relato do procedimento de embarque; e (17), em que resgata o momento em que a discussão acontece:

(16) [...] enquanto num estender o tapete vermelho[...] passageiro não desembarca [...] entã/ aí estendeu tudo a gente faz ok pra [...] comissária ela desembarca leva os passageiros até a sala de embarque [...] **nisso** um outro [...] funcionário[...] já na sala de embarque [...] recepciona a comissária que leva até o embarque [...] (AC-051; RP).

(17) [...] tava vindo numa rua aí uma criança pegou e [...] cruz/ cortou bem na frente dele assim [...] a::í ele freou -- um aconteceu nada graças a Deus né? num bateu na criança nada -- aí a mãe da/ aí ele muito estressado já desceu assim já xingando –‘cadê a mãe desse moleque? num sei o quê’– aí VEio uma senhora FORte ele contando assim e pegou e falou assim –‘é sou eu a mãe’– aí ele começou a discutir **nisso** veio o pai... aí começaram a discutir... teve até paulada sabe? (AC-051; NR).

Esse resgate cria um ambiente de suspense sobre o que vai ser enunciado, tema que não é novo no âmbito da junção. A noção de suspense suscitada na junção já fora investigada por Longhin (2015), no estudo da perífrase conjuncional ‘no que’. A autora tomou o estatuto informacional das construções com ‘no que’ como parâmetro para dimensionar o suspense ou expectativa. Argumenta que ‘no que’, em geral, encabeça a oração (O<sub>1</sub>) que codifica informações conhecidas ou inferíveis, enquanto informações novas são codificadas preferencialmente na oração seguinte (O<sub>2</sub>), conforme exemplares em (18) e (19), extraídos do trabalho da autora:

(18) Hoje cheguei na escola, iria ser um dia normal, pensei eu, [**no que** chego]O<sub>1</sub>, [*me deparo com minhas amigas, renata, francine, jéssica, todas chorando*]O<sub>2</sub> (Longhin, 2015, p. 84, grifo da autora).

(19) Tinha nadado cerca de 40 minutos, quando voltava para a margem parei de bater as pernas. [**No que** parei]O<sub>1</sub>, [*senti a mordida*]O<sub>2</sub> (Longhin, 2015, p. 84, grifo da autora).

Pelo exposto, a hipótese de que ‘nisso’ se caracteriza como juntor adverbial que conecta por referência vai se confirmando, ancorada em evidências formais, a começar pela sua própria formação sintagmática; e em evidências funcionais, passando pela ordenação sintática e culminando na manobra argumentativa executada. Na próxima seção, em continuidade à defesa do estatuto juntivo de ‘nisso’, investigamos as redes polissêmicas que emergem das construções com ‘nisso’.

### Rede polissêmica das construções com ‘nisso’

As relações de significado que se estabelecem entre as unidades articuladas por ‘nisso’ são diversas. Os dados investigados permitem reconhecer pelo menos três padrões semânticos, ‘tempo’, ‘tempo-causa’ e ‘tempo-contraste’, cujas frequências estão na Tabela 2. Nas construções em tela, esses significados não têm o mesmo estatuto. Nos padrões causal e contrastivo, como se verá, a noção de tempo não só está latente, mas também participa da constituição desses significados.

**Tabela 2.** Padrões semânticos das construções com ‘nisso’.

Padrão semântico	Frequência
Tempo	61/80 (76%)
Tempo-causa	16/80 (20%)
Tempo-contraste	3/80 (4%)

Fonte: os autores

O padrão temporal é o mais frequente (76%), seguido de tempo-causa (20%) e tempo-contraste (4%). De (20) a (22), apresentamos os respectivos exemplares. Em (20), ‘nisso’ ajuda a sinalizar uma sequencialidade temporal entre os eventos narrados; em (21), a partir da sequencialidade temporal, a construção com ‘nisso’ veicula uma nuance de causalidade e; em (22), diferentemente, ‘nisso’ participa de uma relação contrastiva que envolve dois pares de opostos (‘eu’ vs. ‘os outros’; ‘ter’ ou ‘não ter condições’) e que é construída sob as bases de uma concomitância temporal.

(20) [...] então a hora que eles estão assim bem:: amarelinhos a cebola e o alho [...] é que eu coloco o arroz [...] ah **nisso** eu já coloquei esqueci de falar [...] a água pra ferver [...] então eu usei três copos de arroz [...] eu coloco geralmente [...] cinco copos quase seis [...] num dá seis [...] eu num costume [...] dobrar a quantidade então eu coloco quase seis um pouquinho a menos que seis [...] (AC-088; RP).

(21) [...] foi de repente ali morreu ali na frente do filho **nisso** ele ficou desesperADO a família é toda de Bady Bassit né? [...] num tinha ninguém daqui de Rio Preto [...] a mulher do P. tá trabalhando [...] saía dez horas da noite e aqui na casa dele só tava uma filhinha dele e a mãe que tava desesperada porque o marido tinha ido pro hospital né? (AC-139; NR).

(22) Eu acredito que por ser um projeto recente precisa de melhorias [...] importante [...] mas ele engloba o seguinte [...] ele consiste em trazer os alunos de escola estadual que cursou a vida inteira escola estadual [...] eles fazem a prova do ENEM [...] e eles PODEM entrar numa escola uma universidade PAGA [...] que seria a particular [...] só que há alguns Erros nesse programa por exemplo [...] eles não EXIGEM que a pesso/ éh eles não exigem não pedem NADA em respeito se a pessoa é carente se a pessoa é mais pobre do que a outra por exemplo porque às vezes [...] mesmo EU estudando no/ éh minha vida inteira numa escola estadual [...] eu TENHO condição de pagar uma escola particular entendeu? [...] e **Nisso** há pessoas que não NÃO TEM CONDIÇÃO NENHUMA e eles não VÊM isso entendeu? (AC-055; RO).

Para nós, as interpretações de 'nisso' em termos de causa e de contraste decorrem de enriquecimentos pragmáticos advindos de usos de 'nisso' temporal em contextos específicos, que aliam fatores de ordem morfosintática e semântica a esquemas conceituais partilhados socialmente. À maneira de Traugott e Dasher (2002), pressupomos uma distinção entre significados 'semântico' e 'pragmático', em que o primeiro é codificado e o segundo, dependente do contexto. Também com esses autores, assumimos que a emergência de significados novos implica a mobilização de conhecimentos vários (enciclopédico, *frames*, etc.) juntamente com fatos dos contextos situacional e linguístico, que juntos convidam a uma inferência adicional de significado. O significado inferencial surge atrelado a um contexto particular e, em determinadas circunstâncias, pode ganhar em saliência na comunidade linguística, com ampliação de seus contextos de uso, a ponto de tornar-se uma inferência generalizada. Nesse processo, o significado generalizado pode eventualmente ser semantizado, codificado como um novo significado, desprendendo-se, assim, de qualquer restrição contextual.

Em várias línguas, já foram atestadas rotas de mudança de significado no campo das relações adverbiais. Dentre as rotas mais frequentes está aquela que parte do domínio temporal em direção à expressão das relações de causa, condição, concessão e contraste, indiciando que a relação temporal está entre os principais canais de derivação rumo a significados vinculados à maior 'subjatividade' (Traugott, 1995; Kortmann, 1997; Heine & Kuteva, 2007). No caso das construções com 'nisso', parece evidente que as interpretações causal e contrastiva dos enunciados tenham derivado da acepção temporal, contudo, não é óbvia a natureza da relação temporal mobilizada por 'nisso', base para a constituição dos significados novos, como também não são óbvios os contextos que propiciam(ram) a reanálise de significados.

A análise das construções sugere polissemia inerente à própria fonte temporal. Seguindo a tipologia de relações temporais de Kortmann (1997), identificamos casos em que as construções com 'nisso' expressam tempo sequencial, como em (20) acima, e (23), a seguir, mas também há casos que envolvem sobreposição temporal total ou parcial entre os eventos, como em (24) e (25), parafraseáveis por 'enquanto isso'.

(23) [...] Inf: e era cachorro da casa mesmo? da casa [...] mas era um cachorro nunca tinha sido amarrado até os dono num era muito chegado nele [...] sabe? era bravo mesmo. Doc.: ah mas num era um cachorro que a senhora conhecia então? Inf.: conhecia [...] já tinha pegado mordido o outro sobrinho meu [...] **ai nisso** veio ne mim [...] aconteceu isso fazer essa cirurgia (AC-140; NE).

(24) Inf.: o cavalo carregava ele [...] e ele sempre falava que o dia que ele morresse o cavalo morreria também [...] [Doc.: ah:] e um dia ele ficou muito ruim [...] é ele tava na cidade não voltou pra casa... e foram né? a família que tava no sítio foi até a cidade ver o que tava contecendo porque ele num chegava em casa e viram que ele tava muito ruim e tentaram trazer ele pra Rio Preto [...] na época Rio Preto devia ser muito pequenininha acho que nem tinha assistência direito aqui [...] eu sei que ele tava já praticamente morrendo [...] a história é mais ou menos assim [...] e o cavalo ficou lá e uma pessoa da família foi tentar levar o cavalo pro sítio junto com outros cavalos e **nisso** é:: [...] ele tava vindo pra Rio Preto e ele passou muito mal acho que era até perto do cemitério da Ercília se eu num me engano e ao mesmo tempo que ele passou muito mal porque tava morrendo o cavalo empacou no meio da estrada e não queria mais andar até o moço que tava levando o cavalo de volta pro sítio [...] ele tava com outros cavalo junto acho que ele tentou ele fez de tudo pra tentar fazer o cavalo continuar andando e num conseguiu [...] eu sei que foi assim [...] aconteceu realmente ao mesmo tempo que ele morreu [...] o cavalo também morreu [...] (AC-084; NR).

(25) [...] ‘agora continua firme no volante’– aí o ônibus foi devagarinho [...] mas a velocidade era muita [...] a descida era mu/MUita era declive né? num/ e eu fui controlando [...] **nisso** cê olhava lá cê num via ninguém nos bancos lá atrás todo mundo c’a cabeça assim... parecia avião que quando senta e abaixa a cabeça quando o avião vai caí(r) [...] (AC-109; NE).

Nos dados de ‘nisso’, as diferentes nuances temporais parecem correlacionadas a diferentes trânsitos de significado. A sequencialidade no tempo está mais associada à causalidade, enquanto a simultaneidade, por sua vez, está mais associada à expressão de contraste. As afinidades e mesmo os trânsitos entre esses domínios de significados, ‘tempo > causa e tempo > contraste’, já foram atestados em mecanismos de junção de diferentes línguas<sup>6</sup>. No que segue, examinamos, de maneira circunstanciada, os padrões tempo-causa e tempo-contraste.

As ocorrências de (26) a (28) ilustram o padrão tempo-causal. Em todos os casos, o sequenciamento das orações no texto reflete o sequenciamento dos eventos no mundo. Mas, embora a anterioridade e a posterioridade no tempo tornem disponível uma leitura em termos de causa e de efeito, essa leitura só é plausível quando considerados modelos e expectativas de mundo que possam garantir sua legitimidade, o que equivale a afirmar, nos moldes de Meyer (2000), que a relação de causa emerge mais de aspectos sociais e cognitivos do que de aspectos lógicos. Assim, é plausível que uma batida de carro tenha por efeito uma confusão, conforme em (26); como também é plausível a imobilização do corpo, dentre outras consequências, depois de muitas picadas de formigas, em (27); e ainda a reprovação escolar de uma criança como consequência da desestruturação familiar, em (28). Nessa perspectiva, a interpretação causal das construções com ‘nisso’ é de ordem pragmática e projeta-se linguisticamente com base na sucessão de acontecimentos no mundo e nas representações mentais que os falantes fazem do mundo.

(26) [...] ele pegou a direção do carro [...] e foi dá uma ré no carro num sei o que ele foi fazer que ele tava contando [...] e deu uma ré e bateu numa ca-ÇAM-ba [...] o carro bateu tal [...] **nisso** foi maior confusão (AC-049; NR).

(27) [...] então ele foi se aRRASTANdo no meio daquele pasto daquele sol QUENte debaixo d’uma árvore e a dor era tanta que a hora que ele chegou debaixo da árvore ele CAIU de costas [...] de costas assim que ele tava se arrastando né? e ele deitou no chão e desmaiou [...] que a vista dele embarçou e desmaiou [...] a hora que esse homem acordou [...] ele tinha deitado em cima de vários formigueiros de formiga lava-pé [...] aquelas formiga que dói [...] e ele tava inteirinho picado [...] **nisso** ele já não mexia os braços [...] ele já não mexia pra se limpar da formiga [...] (AC-066; NR).

(28) Inf.: não...eu reprovei na quarta-série [...] porque minha mãe ela brigava nos bar durante a semana ela bebia [...] e eu ia com ela na cadeia [...] eu ia nas delegacia com ela [...] vixe eu decorei cada posto lá [...] do posto policial da zona norte [...] eu ia com ela e acabou atrapalhando meus estudo [...] e **nisso** que eu repeti a quarta-série (AC-039; NE).

Além da ordenação das orações, a correlação modo-temporal é mais um fator de natureza linguística que contribui para a leitura causal. Como mostram os dados de (26) a (28), as construções se resolvem no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo e, frequentemente, há simetria, em que as orações combinam as mesmas formas de passado. Esses resultados se aproximam daqueles de Paiva e Braga (2010) acerca das construções causais justapostas e coordenadas com ‘e’, em que ambas as construções, quando admitem leitura causal, tendem a combinar duas formas de passado simples. Segundo elas, com o uso do presente, a leitura causal é enfraquecida.

Outro aspecto crucial é a constatação de que as ocorrências de *nisso* que permitem leitura causal situam-se todas no ‘domínio do conteúdo’ (Sweetser, 1990), ou seja, são relações causais típicas da realidade sócio-física dos sujeitos, o que reforça hipóteses filogenéticas acerca da emergência de significados. Segundo Sweetser (1990), as relações causais podem se desdobrar por três domínios pragmáticos – ‘conteúdo, epistêmico e atos de fala’, sendo que o primeiro se concretiza em nível referencial (causa estrita, real), o segundo, no raciocínio lógico (causa enunciativa), e o terceiro, no nível conversacional. Essa distinção conceitual, que tem uma contraparte na morfossintaxe, apresenta-se como um lugar para avaliação de tendências filogenéticas e ontogenéticas, segundo as quais, nas línguas, os significados epistêmicos e conversacionais, mais subjetivizados, seriam mais tardios, derivados daqueles de conteúdo, que seriam os primários. Em outras palavras, se surge uma nova construção causal, é muito mais provável que ela expresse inicialmente causa referencial, sócio-física, tal como acontece com as construções causais com ‘nisso’.

<sup>6</sup> Por exemplo, Traugott e König (1991) investigam, na origem de *since*, do inglês, a derivação histórica do significado causal a partir do temporal. Em português, são vários os juntores causais de base temporal: ‘já que, desde que, uma vez que’. Dentre as instâncias de derivação de tempo rumo a contraste estão *mentre*, do italiano (Mauri & Ramat, 2012), *mentre que*, do catalão (Cuenca, 1992), ‘enquanto (que)’, do português (Longhin, 2016).

Sobre o padrão tempo-contraste, como afirmamos anteriormente, as construções com 'nisso' veiculam simultaneidade ou concomitância no tempo e dessa concomitância resultam interpretações contrastivas. Aqui, entendemos 'contraste' de forma ampla como uma relação de fundo linguístico e cognitivo, fortemente baseada nas expectativas dos usuários da língua, enquanto percepção de diferença, de incompatibilidade ou mesmo de conflito de qualquer ordem entre entidades comparáveis.

Os dados evidenciam que, nas construções com 'nisso', o tipo de contraste que emerge nem sempre é o mesmo. Há casos como (22), retomado aqui em (29), em que o contexto instaura uma relação de oposição semântica, para a qual convergem a negação explícita no segundo membro ('não' tem condição nenhuma) e o cotejo entre 'eu' vs. 'pessoas', de um lado, e entre 'ter condição e não ter condição de pagar escola particular', de outro, aproximando-se, desse modo, das relações de adversidade com 'mas', tradicionalmente abordadas no âmbito da coordenação. Nessa acepção, as construções têm por traços morfossintáticos salientes a morfologia verbal de presente e a não correferencialidade de sujeitos, já que as lacunas de sujeito são preenchidas por elementos de um dos pares de opostos.

(29) [...] só que há alguns [...] alguns Erros nesse programa por exemplo [...] eles não nã/ não [...] eXIgem [...] que a pesso/ éh eles não exigem não pedem n/NAda em respeito se a pessoa é carente se a pessoa é mais pobre do que a outra por exemplo porque às vezes [...] mesmo EU estudando no/ éh:: minha vida inteira numa escola estadual [...] eu TENHO condição de pagar uma escola particular entendeu? [...] e **Nisso** há pessoas que não NÃO TEM CONDIÇÃO NENHUMA e eles não VÊM isso entendeu? (AC-055; RO).

Em outros casos, conforme (30) e (31), a leitura de contraste se aproxima das manobras argumentativas típicas de concessão, tradicionalmente abordadas no âmbito da subordinação adverbial. A concessividade enquanto relação de contraste se fundamenta em uma 'pressuposição de incompatibilidade' entre os conteúdos das orações. A incompatibilidade pode advir da existência de uma objeção, de um inconveniente ou mesmo de uma dificuldade, que representa um obstáculo potencial para concretização de algo. No entanto, contrariamente à expectativa, esse obstáculo é apresentado como superável e, portanto, sem efeito.

(30) [...] eu acho que conforme ele foi bater nela ele bateu assim na parede ou na mesa num me recordo como que a minha mãe falou que foi na parede ou na mesa aí a faca escorregou e cortou a mão dele deu acho que DEZ ponto [...] **nisso/ mas nisso** ele ficou ainda lá pra lá e pra cá batendo nela porque minha mãe num tem força ele é grandão [...] minha mãe num tem força de/ segurar ele [...] mas ele pegou e dava nela c'a mão MESMO cortada [...] (AC-062; NR).

(31) GRAças a DEus a minha mãe conseguiu se livrar dele [...] depois que ele foi embora [...] sumiu no mundo que até hoje eu não vejo ele [...] depois que ele foi embora a nossa vida graças a Deus mudou, com Ele passava fome c'a minha mãe SOZInha com sete filho num deixava a gente passar fome [...] trabalhou batalhou é uma vencedora [...] eu gosto muito de falar isso e **nisso** cresci graças a Deus com saúde né? (AC-062; NE).

A leitura concessiva, em (30), decorre do fato de que o corte na mão poderia representar um impedimento para que a agressão fosse suspensa, no entanto, ela continua ('ele ficou ainda lá pra lá e pra cá batendo nela'). 'Nisso', nesse contexto, admite paráfrase com 'apesar disso' e, além da presença de 'nisso', há outros correlatos contextuais que participam da construção do significado, tais como a conjunção contrastiva 'mas' e os advérbios 'ainda' e 'mesmo'. Contudo, a leitura temporal ainda é preservada, o que pode ser evidenciado com a paráfrase com 'enquanto isso', que reforça a continuidade da agressão, mesmo depois do corte na mão. Em (31), há informações de que a informante passou por diversas dificuldades na vida, sendo vítima inclusive da fome, mas, mesmo diante de toda situação desfavorável, com a ajuda da mãe, cresceu com saúde. Assim, o ouvinte é levado a uma direção interpretativa oposta daquilo que se esperaria das condições futuras de vida da informante, que igualmente poderia ser negativa diante do quadro negativo de sua infância. A semântica de processo do verbo 'crescer' favorece a leitura de simultaneidade temporal.

### Considerações finais

Este artigo trouxe à discussão um tema ainda bastante inédito nos estudos sobre junção, especialmente no âmbito da junção supraoracional, que é o mecanismo complexo de ligação adverbial em funcionamento em determinadas construções com 'nisso'. A busca por evidências acerca do estatuto juntivo de 'nisso' pautou-se em uma concepção de junção que congrega dimensões e formas de conexão distintas (Raible, 2001; Blühdorn, 2008). Com base na análise dos dados, assumimos que 'nisso' estabelece 'conexão por referência', favorecida sobretudo

pela própria constituição morfológica que conta com o demonstrativo. Nesse modo de conexão, a foricidade, que nas construções se resolve na ‘função retroativo-propulsora’ e na estratégia de ‘encapsulamento anafórico’, tem papel singular, principalmente quando se considera que, nas construções com ‘nisso’, estão presentes ambas as forças anafórica e catafórica, com resgate de informação prévia, ao mesmo tempo em que prepara o interlocutor para a informação nova, em um cenário de suspense e ênfase.

O movimento duplo de retomada e de progresso requer de ‘nisso’ uma posição regular, intermediária às porções dada e nova. Além disso, a disposição dos membros oracionais na construção binária mostrou-se um fator contextual importante para a construção dos significados. Da prevalência de construções temporais, sequenciais e não sequenciais, surgem significados derivados - dependentes dos contextos, portanto, não semantizados - nos domínios causal e contrastivo. Essa rede polissêmica reforça, mais uma vez nos estudos sobre junção, a produtividade das fontes temporais rumo aos significados causais e contrastivos (Kortmann, 1997), e constitui um lugar que permite observar a fronteira flexível entre codificação semântica e inferência pragmática.

## Referências

- Ali, M. S. (1931). *Grammatica historica da língua portuguesa*. São Paulo, SP: Melhoramentos.
- Blühdorn, H. (2008). Subordination and coordination in syntax, semantics and discourse. In C. Fabricius-Hansen, & W. Ramm (Eds.), *‘Subordination’ versus ‘coordination’ in sentence and text* (p. 58-85). Amsterdam, NL: Benjamins.
- Câmara Jr., J. M. (1979). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Padrão.
- Castilho, A. (2015). Demonstrativos. In R. Ilari (Org.), *Palavras de classe fechada* (p. 129-146). São Paulo, SP: Contexto.
- Conte, M. (2003). Encapsulamento anafórico. In M. M. Cavalcante, B. Biasi-Rodrigues, & A. Ciulla e Silva (Orgs.), *Referenciação* (p. 177-189). São Paulo, SP: Contexto.
- Cuenca, M. J. (1992). Sobre l’evolució dels nexes conjuntius en Català. *Lengua & Literatura*, 1(5), 171-213.
- Davies, M., & Ferreira, M. (2006). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Recuperado de <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>
- Gonçalves, S. C. L. (2019). *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Recuperado em 20 de março de 2019 de <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/index.php>
- Halliday, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar*, London, UK: Edward Arnold.
- Heine, B., & Kuteva, T. (2007). *The genesis of grammar: a reconstruction. Studies in the evolution of language*. New York, NY: Oxford University Press.
- Ilari, R., Castilho, A. T., Castilho, C. M., Franchi, C., Oliveira, M. A., Elias, M.S., ... Possenti, S. (2002). Considerações sobre a posição dos advérbios. In A. de Castilho (Org.), *Gramática do português falado* (p. 53-120). Campinas, SP: Unicamp.
- Ilari, R., Castilho, A. T., Leitão, M. L., Kleppa, L. A., & Basso, R. M. (2015). A preposição. In R. Ilari (Org.), *Palavras de classe fechada* (p. 163-310). São Paulo, SP: Contexto.
- Koch, I. G. V. (2009). *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Kortmann, B. (1997). *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on european languages*. Berlin, DE: Mouton de Gruyter.
- Longhin, S. R. (2015). Emergência e uso da perífrase conjuncional ‘no que’: gramaticalização, polissemia e argumentação. *Revista de Estudos da Linguagem*, 23(1), 59-89. doi: 10.17851/2237-2083.23.1.59-89
- Longhin, S. R. (2016). Emergência de juntores contrastivos na história do português: contexto, polissemia e subjetivização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 18(2), 263-299. doi: 10.11606/issn.2176-9419.v18i2p263-299
- Mauri, C., & Ramat, A. G. (2012). The development of adversative connectives: stages and factors at play. *Linguistics*, 50(2), 191-239. doi: 10.1515/ling-2012-0008
- Meyer, P. (2000). The relevance of causality. In E. Couper-Kuhlen, & B. Kortmann (Eds.), *Cause, condition, concession, contrast* (p. 9-34). Berlin, DE: Mouton de Gruyter.

- Mithun, M. (1988). The grammaticization of coordination. In J. Haiman, & S. Thompson (Orgs.), *Clause combining in grammar and discourse* (p. 331-359). Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Company.
- Neves, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Neves, M. H. M. (2002). *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo, SP: Unesp.
- Neves, M. H. M. (2018). *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo, SP: Unesp.
- Paiva, M. C., & Braga, M. L. (2010) Juxtaposition et coordination: deux formes de parataxe? In M. J. Béguelin, M. Avanzi, & G. Corminboeuf (Eds.), *La parataxe. Tome 1: Entre dépendance et intégration* (p. 313-332). Berne, CH: Peter Lang.
- Pereira, E. C. (1935). *Grammatica historica*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.
- Prince, E. (1981). Toward a taxonomy of given/new information. In P. Cole (Ed.), *Radical pragmatics* (p. 223-254). New York, NY: Academic Press.
- Raible, W. (2001) Linking clauses. In M. Haspelmath, E. König, W. Öesterreicher, & W. Raible (Eds.), *Language typology and language universals* (p. 590-617). Berlin, DE: De Gruyter.
- Schwarz, M. (2000). *Indirekte anaphern in texten*. Tübingen, DE: Niemeyer.
- Sweetser, E. (1990). *From etymology to pragmatics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Tavares, M. A. (2003) *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Traugott, E. (1995). Subjectification in grammaticalization. In D. Stein, & S. Wright (Eds.), *Subjectivity and subjectivisation* (p. 31-54). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Traugott, E., & König, E. (1991). The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In E. Traugott, & B. Heine (Orgs.), *Approaches to grammaticalization* (Vol. 1, p. 189-218). Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Company.
- Traugott, E., & Dasher, R. (2002). *Regularity in semantic change*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Vasconcellos, J. L. (1959). *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Livros de Portugal.
- Williams, E. B. (1961). *Do latim ao português*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro.